**A Percepção dos Moradores de Foz do Iguaçu (PR) sobre o Fechamento da Fronteira entre Brasil e Paraguai**

*The Perception of Residents of Foz do Iguaçu (PR) about the Closing of the Border between Brazil and Paraguay*

*La Percepción de los Residentes de Foz do Iguaçu (PR) sobre el Cierre de la Frontera entre Brasil y Paraguay*

Suelen Terre de Azevedo[[1]](#footnote-1)

https://orcid.org/[0000-[0002-2132-5141](https://orcid.org/0000-0002-2132-5141)](https://orcid.org/0000-0001-5624-8476)

Elpidio Serra[[2]](#footnote-2)

https://orcid.org/[0000-[0002-1586-2370](https://orcid.org/0000-0002-1586-2370)](https://orcid.org/0000-0001-5624-8476)

**RESUMO:** Este artigo visa analisar as percepções e vivências dos moradores de Foz do Iguaçu sobre o fechamento da fronteira do Brasil e do Paraguai, durante sete meses no ano de 2020. Como objetivos específicos foram identificados os impactos que a pandemia de COVID-19 ocasionou; e também foi realizada a análise do período pandêmico através dos relatos pessoais dos moradores de Foz do Iguaçu. A pesquisa se justifica por elucidar, através das percepções dos fronteiriços, o período do isolamento territorial causado por uma pandemia e as relações cotidianas fronteiriças. Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas abertas no ano de 2021, seguidas de análise, e a revisão bibliográfica sobre a temática das fronteiras, sendo consultados livros, teses, dissertações, artigos de periódico, principalmente os que tratam de pesquisas exploratórias sobre a situação da pandemia nas regiões de fronteira.

**PALAVRAS-CHAVES**: COVID-19; Pandemia; Saúde na fronteira; Geografia.

**ABSTRACT:** *This paper aims to analyze the perceptions and experiences of Foz do Iguaçu residents, regarding the closing of the border between Brazil and Paraguay for 7 months in 2020. The specific objectives were to identify the impacts that the COVID-19 pandemic caused and to analyze the pandemic period through the personal reports of Foz do Iguaçu residents. The research is justified by elucidating, through the perceptions of border people, the period of territorial isolation caused by a pandemic and daily border relations. As methodological procedures, open interviews were carried out in 2021, followed by analysis. For the bibliographic review on borders, books, theses, dissertations, and journal articles were consulted, mainly those dealing with exploratory research on the pandemic situation in border regions.*

**KEYWORDS:** *COVID-19; Pandemic; Border health; Geography.*

**RESUMEN:***Este artículo tiene como objetivo analizar las percepciones y experiencias de los residentes de Foz do Iguaçu, sobre el cierre de la frontera entre Brasil y Paraguay, durante 7 meses en 2020. Como objetivos específicos, se identificaron los impactos que provocó la pandemia de COVID-19. El análisis del período de la pandemia se realizó a través de los relatos personales de los residentes de Foz do Iguaçu. La investigación se justifica por dilucidar a través de las percepciones de los fronterizos, el período de aislamiento territorial provocado por una pandemia y las relaciones fronterizas cotidianas. Como procedimientos metodológicos se realizaron entrevistas abiertas en el año 2021, seguidas de análisis y revisión bibliográfica sobre el tema de fronteras, siendo consultados libros, tesis, disertaciones, artículos de revistas, principalmente aquellas que versan sobre investigaciones exploratorias sobre la situación de la pandemia en las regiones fronterizas.*

**PALABRAS-CLAVE:***COVID-19; Pandemia; Salud fronteriza; Geografía.*

**INTRODUÇÃO**

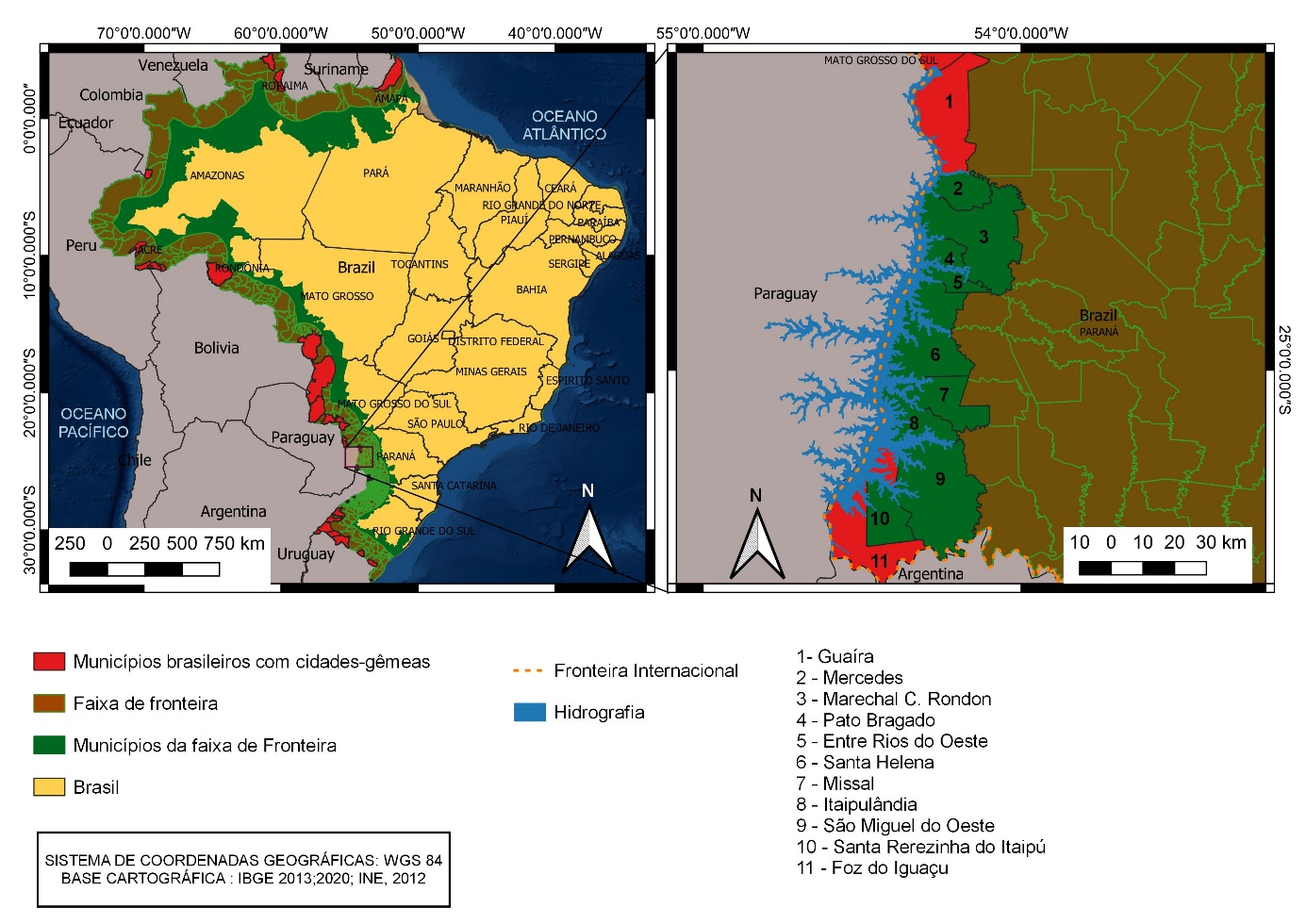
A pandemia do novo coronavírus (*SARS-CoV-2*) que causa a COVID-19, e as consequentes estratégias epidemiológicas para conter a disseminação do vírus, alteraram a dinâmica territorial de mobilidade fronteiriça entre os países de todo o mundo. Neste aspecto, medidas de controle como o fechamento das fronteiras internacionais foram estabelecidas como uma medida fundamental para conter o avanço da doença. A interrupção do fluxo entre os países, como no caso do Brasil e do Paraguai, impactou o cotidiano transfronteiriço, caracterizado por populações que migram constantemente entre os limites de fronteira.

Neste sentido, este artigo visa analisar as percepções e vivências dos moradores de Foz do Iguaçu sobre o fechamento da fronteira do Brasil e do Paraguai, durante sete meses no ano de 2020. Os objetivos específicos compreendem identificar os impactos decorrentes do fechamento da fronteira, entre Brasil e Paraguai, ocasionado pela pandemia de COVID-19, assim como descrever e apresentar relatos pessoais dos residentes de Foz do Iguaçu. Neste contexto, a pesquisa se justifica por elucidar, através de narrativas, os impactos sociais e econômicos que o período do isolamento territorial, devido a pandemia, ocasionou nas relações cotidianas fronteiriças.

Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas abertas, seguidas de descrição e análise, e a revisão bibliográfica sobre a temática das fronteiras. A pesquisa foi realizada na linha de fronteira do Brasil e do Paraguai, especificamente no município de Foz do Iguaçu (Figura 1).

O presente artigo está estruturado em quatro partes: primeiramente, foi discutido o conceito de fronteira e suas respectivas abordagens na geografia. A seguir, foi realizada uma apresentação sobre a condição fronteiriça, estabelecendo as relações de convivência na fronteira mediante vantagens individuais dos residentes, em ambos os lados da fronteira (Brasil e Paraguai). Neste item, ainda, são discutidos os usos práticos que os fronteiriços estabelecem com seu espaço de vivência. No terceiro item, “A pandemia do COVID-19 na fronteira”, foi realizada uma reflexão sobre a importância da Geografia da Saúde para as áreas de fronteira, sendo o momento da pandemia o maior exemplo de ações realizadas geograficamente para mitigar o espalhamento do vírus, o que culminou no fechamento das fronteiras internacionais. Além disso, foram abordadas as pesquisas iniciais, baseadas em observações sobre a situação da pandemia na fronteira, indicando os principais impactos gerados aos fronteiriços. No último item, são apresentados os resultados das entrevistas realizadas, relatando os principais impactos sentidos e percebidos, pelos moradores de Foz do Iguaçu, durante o período de fechamento da fronteira.

**Figura 1** – Localização da faixa de fronteira do Brasil e cidades gêmeas



**Fonte:** elaborado pelos autores.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O procedimento metodológico desenvolvido foi a análise de entrevistas abertas e revisão bibliográfica sobre a temática das fronteiras. Para o aporte teórico, foram consultados livros, teses, dissertações e artigos de periódico, principalmente os que tratavam de pesquisas exploratórias sobre a situação da pandemia nas regiões de fronteira entre Brasil e Paraguai. Foram realizadas sete entrevistas abertas, com moradores de Foz do Iguaçu (três presenciais e quatro remotas, por meio de videochamadas). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, ressaltando, que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para fins de organização e estrutura da pesquisa, optou-se por não revelar a identidade dos entrevistados, visto que o objetivo das entrevistas foi analisar as experiências pessoais, portanto, estão identificados como “participante” seguido dos números de um a sete, respectivamente. As entrevistas foram realizadas no período do segundo semestre de 2020 até o segundo semestre de 2021. Os entrevistados foram escolhidos de modo aleatório durante a pesquisa de campo, para garantir relatos de vivências e perfis diferenciados, sendo abordados e convidados a participar da pesquisa. Devido a aplicação das entrevistas ter sido realizada em período pandêmico, foi garantido aos participantes a preferência pela qual gostariam de responder as questões, podendo ser de modo presencial, no momento da abordagem, presencial agendada ou agendada de modo remoto. Dessa forma, os participantes puderam escolher o modo no qual se sentiam seguros para a aplicação da entrevista. O perfil dos participantes foi identificado a partir das seguintes características: idade, profissão, local de nascimento, e local e tempo de residência.

A partir do levantamento dos perfis, averiguou-se que a participante 1 tem 29 anos, seu local de nascimento e residência é Foz do Iguaçu, contudo, até o ano de 2001, alternou sua moradia também com Ciudad del Este (PY), sua profissão é assistente de administração e é graduada em Relações Internacionais. O participante 2 tem 49 anos de idade, seu local de nascimento e residência é o município de Foz do Iguaçu e sua profissão é psicólogo. A participante 3 tem 49 anos, nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, vive há 4 anos em Foz do Iguaçu e atua como jornalista. O participante 4 tem 30 anos, nasceu em Caratinga, Minas Gerais, fixou residência em Foz do Iguaçu há 10 anos, sua profissão é gerente de hotel, com graduação em arquitetura e urbanismo. A participante 5 tem 27 anos, nasceu em São Lourenço do Oeste, Santa Catarina, reside em Foz do Iguaçu há 2 meses, e é formada em fisioterapia. O participante 6 tem 27 anos, nasceu em Santo Antônio do Sudoeste, Paraná, mudou-se para Foz do Iguaçu há 5 anos, e atualmente atua como taxista. A participante 7 tem como local de nascimento São Paulo, reside em Foz do Iguaçu há 1 ano e meio, é graduada em arquitetura e urbanismo e atualmente é estudante de pós-graduação.

**A FRONTEIRA COMO UM CONCEITO GEOGRÁFICO**

O conceito de fronteira tem evoluído ao longo do tempo, passando da delimitação de territórios para a definição mediada pela nacionalidade, por meio do território do Estado. Conforme Cataia (2001), o Estado Moderno surgiu no final do século XIX e início do século XX, com o reconhecimento internacional das fronteiras e a concepção jurídica do território. Isso reconfigurou os Estados nacionais e suas colônias, fragmentando o mundo pelas fronteiras institucionais. A delimitação das fronteiras nacionais permitiu aos Estados a diferenciação de seus territórios e o estabelecimento de regimes jurídico-político próprios.

Foucher (2009, p. 22) considera que “[...] as fronteiras são descontinuidades territoriais, com a função de marcação política”. Neste aspecto, as fronteiras delimitam territorialmente os Estados-nações, e são definidas por decisões políticas que garantem a soberania do território. Elas são relativamente estáveis e representam instituições políticas amparadas por meios legais. Para Ratzel (1988), as fronteiras podem ser classificadas em três grupos: as políticas, as naturais e as artificiais. As fronteiras políticas podem ser simples, duplas, fechadas, descontínuas, deficientes ou elásticas. Já as fronteiras naturais podem ser marcos físicos e serem classificadas como "boas" ou "más", dependendo de favorecer ou não a proteção do Estado. Por fim, as fronteiras artificiais são demarcadas por tratados e podem coincidir com as fronteiras naturais.

Ancel (1984) ressalva que a fronteira pode ser vista como algo negativo pelos cidadãos fronteiriços, devido à burocracia e vigilância que vivenciam ao cruzar um ou outro lado, concebendo que demarcações oficiais não são capazes de separar os povos vizinhos. No entendimento de Gottmann (1952), a fronteira pode ser resultado de acordos de paz, não apenas pela pressão bélica, e sua construção deve ser fundamentada na força da iconografia e da circulação. Para o autor, as iconografias são essenciais às forças de circulação e promovem o aparecimento e desaparecimento das fronteiras. Raffestin (2005) sustenta que a fronteira é uma parte da interpretação da história, uma vez que as sociedades são definidas pelas fronteiras que elas próprias traçam. É o movimento dos povos entre esses limites que promove as transformações nas civilizações. A gênese da fronteira é marcada pela diferença, tanto biológica quanto cultural, e, consequentemente, ela não é uma linha, mas sim um elemento da comunicação biossocial, representando um equilíbrio dinâmico difícil de identificar simplesmente no sistema territorial.

As fronteiras políticas internacionais são constituídas por três etapas: delimitação, demarcação e densificação ou caracterização (STEIMAN, 2002). Para Machado (1998), o termo fronteira refere-se a um fenômeno da vida social espontâneo, que indica a margem do mundo habitado. Conforme o desenvolvimento da civilização, as fronteiras passaram a ser lugares de comunicação, tornando-se marcos políticos. A concepção de fronteira deve levar em consideração a dependência mútua entre os países, pois esses espaços são compartilhados pelos povos fronteiriços.

Assim, a dinâmica existente é complexa nessas regiões, já que são abarcadas por uma identidade que transcende os limites estatais. As áreas concebidas pelos limites político-territoriais são constantemente ultrapassadas e reforçadas pela criação social promovida pela circulação de produtos e pessoas, tornando-se lugares de comunicação e compartilhamento entre os povos fronteiriços.

Desse modo, apesar de a fronteira frequentemente ser vista como um obstáculo, como uma barreira que separa, a Geografia tem se dedicado em compreender suas diferentes dimensões, revelando seu potencial para pensar em novas possibilidades, em novas formas de interação e de construção do espaço.

**A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA**

A fronteira como lugar constitui um espaço de convívio entre diferentes, um espaço de socialização, atribuindo certa coesão à comunidade fronteiriça e proporcionando o desenvolvimento de identidades múltiplas, sendo a identidade justamente um dos fatores a atribuir unicidade a uma comunidade nacional. Dorfman (2013, p. 7), ressalta a importância de se entender a condição fronteiriça, explicando que:

A diversidade das fronteiras concretas é constantemente ofuscada pela eloquência dos discursos nacionais, que as práticas fronteiriças frequentemente se afastam das normas nacionais, não sendo por elas descritas e que a fronteira apresenta dinâmicas aceleradas.

Vargas (2017, p. 50-51) identifica a fronteira também como o lugar onde ocorre a socialização e o convívio; por isto, surge uma identidade, marcada pelas identidades múltiplas que apresentam certa coesão, caracterizada pela fronteira, tornando possível identificar uma relação de comunidade, visto que:

Estabelecer identificações na fronteira constitui o primeiro passo para a formação de uma comunidade imaginada fronteiriça, com peculiaridades que a diferenciam das comunidades nacionais à margem das quais veio a se constituir. “Identificação” é o ato de identificar, isto é, reconhecer como idêntico, e também o ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico a outro ou dois seres se tornam idênticos entre si, seja em pensamento ou de fato. [...]

A comunidade fronteiriça, quando atinge um nível de coesão expressivo, vem a desenvolver uma identidade (em sentido político) própria, singular, caracterizada ainda assim pela diversidade, num espaço de convívio geograficamente marcado não pela fronteira como limite do território, mas sim pela fronteira como lugar, um espaço de convívio e de socialização.

Para Dorfman (2009, p. 3), a condição fronteiriça resulta de um “saber passar” que vai sendo desenvolvido pelos fronteiriços. Nessa condição a população vai assimilando as diferenças e semelhanças desempenhadas em mais de um país, o que lhe garante vantagens locacionais.

Assim, a experiência de vida na fronteira fornece aos seus frequentadores os instrumentos necessários para articular as diferenças identitárias, instrumentalizando as pessoas para tornarem-se portadores/passadores dos bens simbólicos ou materiais que expressam tais contradições e diferenças manifestas no lugar. A condição fronteiriça é entendida aqui como um *savoir passer* (saber passar) adquirido pelos habitantes da fronteira, acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas que ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos. A fronteira é o lugar em que as diferenças têm encontro marcado.

A partir da autora, é possível compreender que não há uma condição fronteiriça universal, justamente porque as relações construídas pelas populações fronteiriças são originais e variam entre os diferentes espaços e setores, isto porque as regiões de fronteira ao serem observadas se mostram “vivas e vividas”. Nesse pensamento, a condição fronteiriça é um produto histórico, que possui camadas que são construídas, reestruturadas e ressignificadas, garantindo novas invenções e composições que são modificadas pela vida social, econômica e política, tanto no campo interno como externo, reforçando a dicotomia entre diálogo e conflito. Como contribuição, Vanderlinde (2009, p. 26) indica que:

Fronteira, enfim, é aquilo que cada um representa, criada por aquele que a transpõe diariamente, esporadicamente ou nunca. Refletir na, e sobre a fronteira, é levar em conta um espaço privilegiado da produção de antagonismos, mas também laços de solidariedade, da afirmação e de negação de identidades, da (re)elaboração de representações, da (re)invenção de lendas e tradições, do (des)encontro dos homens, dos conflitos e das conquistas materiais.

É a possibilidade destas condições que caracteriza o modo de vida na fronteira, portanto as relações entre território e povo devem ser entendidas a partir das práticas imanentes que são específicas dos transfronteiriços. Assim, a fronteira é percebida também como uma construção social. Isto pôde ser observado durante a pandemia do COVID-19, fase em que o cotidiano das fronteiras foi alterado, impactando na vivência e na percepção da fronteira.

**A QUESTÃO FRONTEIRIÇA E A PANDEMIA DO COVID-19**

As relações entre a saúde e o espaço são inseparáveis, tornando a Geografia uma ciência potencialmente importante para intervenção e abordagens sobre as questões de saúde pública. Um aspecto inerente ao trabalho do geógrafo é a análise sobre a dinâmica espacial das populações, planejamento e gestão. Os debates relacionados ao componente territorial e a importância ao lugar tornaram-se essenciais no mundo globalizado.

Os estudos sobre as fronteiras, no ano de 2020, foram colocados em um novo patamar. A pandemia do novo coronavírus que causa a COVID-19, colocou à prova os planos epidemiológicos de todos os países do mundo. Na América do Sul o desafio em conter os picos de disseminação da doença perpassou também o contexto da mobilidade transfronteiriça. Neste sentido, pela primeira vez no século XXI foi oficialmente determinado o fechamento de toda fronteira internacional brasileira, com o objetivo de mitigar a dispersão do vírus causador da doença COVID-19.

Neste sentido, a Geografia da Saúde corroborou com estudos inéditos sobre o COVID-19, promovendo o olhar sistêmico da disseminação da doença pelo território, e como as ações e medidas de mitigação desenvolvem novas dinâmicas, de acordo com o que foi verificado nas áreas fronteiriças. Buscando compreender os efeitos de forma espacial, política, social e econômica, o fechamento das fronteiras entre países se torna representativo e importante para os avanços dos estudos fronteiriços e geográficos.

Usualmente, os estudos fronteiriços objetivavam comprovar a mobilidade e a porosidade nas fronteiras. Neste entendimento, se tornou inédita a compreensão da dinâmica das fronteiras com o seu fechamento, reabertura e vigilância, fatos que ocorreram no período da pandemia.

Conforme Santana (2004), os métodos de gestão e planejamento nas questões sobre a saúde pública dispõem da Geografia como uma importante ferramenta para elucidar as problemáticas enfrentadas pelas questões territoriais. Assim, pela Geografia da Saúde perpassa uma compreensão global, atuando em problemas pluridisciplinares, pois é uma disciplina nodal ao incidir na convergência de fenômenos naturais com sociais.

A propagação de doenças é um obstáculo que as zonas de fronteira enfrentam cotidianamente. Em meio a uma pandemia, relacionada a uma doença com riscos elevados como a COVID-19, o enfretamento acontece de modo mais radical, como observado nas medidas de isolamento efetivadas pelo Brasil e Paraguai em suas fronteiras.

As primeiras ações de contenção e monitoramento da população foram realizadas pelo governo do Paraguai. No dia 14 de março de 2020, as pessoas que cruzaram a fronteira no sentido Brasil ao Paraguai, via Ponte Internacional da Amizade, passaram por um monitoramento padrão de prevenção à propagação do vírus, realizado pelos agentes da Cruz Vermelha e da Vigilância Sanitária de Alto Paraná, em Ciudad del Este (PY). As medidas realizadas consistiram em abordar os migrantes, higienizar suas mãos e realizar testes de temperatura corporal. Assim, quem apresentou sintomas como febre ou sinais gripais foi encaminhado ao pronto atendimento (PARAGUAI, 2020a).

Também foram determinantes os decretos paraguaios n° 3.458 que instituiu o fechamento parcial e temporário dos postos de controle migratório das fronteiras do Paraguai (PARAGUAY, 2020b), e n° 3.465, que ordenou o fechamento total das fronteiras a partir do dia 24 de março de 2020 (PARAGUAY, 2020c).

O Brasil, através da Portaria nº 120 de 17 de março de 2020, estabeleceu a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela (BRASIL, 2020a). Este foi o primeiro passo para o início do fechamento das fronteiras, em decorrência da declaração de emergência em saúde pública de importância internacional pela Organização Mundial da Saúde, em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da infecção humana pelo Coronavírus *SARS-CoV-2* (COVID-19).

O governo brasileiro, pela Portaria nº 125 de 19 de março de 2020, abrangeu os protocolos de isolamento total e declarou a restrição excepcional e temporária de entrada no país de estrangeiros com os seguintes países: I – República Argentina; II – Estado Plurinacional da Bolívia; III – República da Colômbia; IV – República Francesa (Guiana Francesa); V – República Cooperativa da Guiana; VI – República do Paraguai; VII – República do Peru; e VIII – República do Suriname (BRASIL, 2020b). Em sequência, a Portaria nº 132 de 22 de março de 2020 estabeleceu a restrição excepcional e temporária de entrada no país, por via terrestre, de estrangeiros provenientes da República Oriental do Uruguai (BRASIL, 2020c).

Com o prolongamento do isolamento social, no dia 9 abril de 2020, a Marinha do Paraguai instalou uma barreira de ferro, similar a um portão, no corredor de pedestres na Ponte Internacional da Amizade, que liga os municípios de Ciudad del Este no Paraguai a Foz do Iguaçu, no Brasil. Administrado pela aduana paraguaia, o objetivo do portão móvel foi evitar a passagem de estrangeiros e paraguaios em Ciudad del Este. As restrições foram realizadas apenas do lado paraguaio, sendo que a aduana brasileira continuava com o sentido livre de mobilidade para pedestres (CORONAVÍRUS, 2020). O simbolismo de um portão isolando um dos lados da fronteira foi muito representativo, visto que emergiu a ideia das estratégias geopolíticas de guerra, onde se colocam barreiras para isolar o inimigo; neste caso, na busca por isolar o vírus, que se personificou na figura do estrangeiro.

A emergência em realizar o isolamento em suas fronteiras é compreendida pelo fato das áreas fronteiriças serem territórios dinâmicos, constituídos por unidades epidemiológicas, onde os problemas de saúde são compartilhados e necessitam de atenção e de controle, para garantir uma saúde pública de qualidade à população de ambos os países. Com a finalidade de conter a propagação da doença, em que as próprias pessoas são as disseminadoras do vírus, as barreiras fronteiriças correspondem em uma estratégia fundamental para isolar a população contaminada, e impedir novos avanços da doença para a população saudável.

Ao estabelecer o fechamento de suas fronteiras, os países enfrentaram diversos impactos que apresentaram consequências locais, regionais e globais. O primeiro impacto foi referente à mobilidade de trabalhadores, estudantes e turistas, seguido dos fatores econômicos gerados pela interrupção das atividades não essenciais, e pela restrição dos fluxos de entrada e saída de pessoas, mercadorias e serviços. No caso do Brasil e do Paraguai, os fluxos e a circulação de pessoas sempre foram de relevante intensidade, por isso os danos se distribuíram em ambos os lados da fronteira. Para garantir o abastecimento de mercadorias essenciais, tanto Brasil como Paraguai continuaram com o livre tráfego do transporte rodoviário de cargas.

Os impactos do agravamento das medidas contra a COVID-19 foram imediatos, e afetaram a vida da população transfronteiriça, indicando a ruptura das antigas relações entre os dois países, formulando novas dinâmicas que precisam ser analisadas. Silva e Dorfman (2020) destacam que este controle rompeu com a territorialidade transfronteiriça que já existia, e promoveu na população local a noção da materialidade da fronteira, que desencadeou dinâmicas de ilegalidade devido ao rompimento do livre-trânsito e de diversas atividades praticadas entre os residentes da Argentina, Brasil e Paraguai. Os impactos econômicos imediatos em Ciudad del Este e Foz do Iguaçu foram descritos por Agulló (2020, p. 23):

Em Ciudad del Este, por exemplo, a passagem limítrofe mudou repentinamente a vitalidade turística do Microcentro (área comercial) que se tornou uma zona fantasma por meses, enquanto o rio Paraná, em meio a uma forte seca em maio, revelou em seu leito de rio mercadorias enferrujadas despejadas por contrabandistas ao longo dos anos. Durante o período de *lock-down*, a região tornou-se quase apocalíptica. Em julho de 2020, cerca de 30.000 empregos foram perdidos ou interrompidos na área, muitos com uma ligação direta e trágica com o fechamento da fronteira: cerca de 8.000 moradores de Foz do Iguaçu não puderam voltar a trabalhar no Paraguai (tradução nossa)[[3]](#footnote-3).

Agulló (2020), também revela que pequenas empresas faliram em ambos os lados da fronteira, e muitos argentinos e paraguaios ficaram presos do lado brasileiro, sendo que aqueles que residiam no Brasil e perderam seus empregos não foram autorizados a retornar para seu país de origem. Isto afetou principalmente os trabalhadores informais, que se sustentavam das atividades transfronteiriças interrompidas, levados a recorrer à caridade pública ou até mesmo a mendigar.

De acordo com Silva e Dorfman (2020), o fechamento da fronteira e as estratégias utilizadas pelos migrantes para realizarem suas atividades cotidianas fez com que surgisse o refugiado sanitário, que descreve uma nova categoria de “imigrante ilegal”. As práticas ilícitas também se tornaram mais sofisticadas, em virtude de um maior controle e vigilância de migrantes.

Após sete meses de fechamento, os dois países adotaram medidas sanitárias específicas referentes a entrada de migrantes, sendo realizado um acordo entre o Ministério das Relações Exteriores do Paraguai e o governo brasileiro, no mês de setembro de 2020, que possibilitou a reabertura da fronteira.

Silva-Sobrinho *et al.* (2021) apontaram que na região Oeste do Paraná houve a influência do fechamento das fronteiras internacionais com aspectos negativos sobre a renda da população local e a perda de emprego. Na mesma proporção, também se considera que se as fronteiras não tivessem sido fechadas o número de população acometida pelo Coronavírus seria maior, assim gerando impactos ainda mais negativos para a população da fronteira.

A falta de mobilidade, durante o fechamento da fronteira, produziu dificuldades para os gestores públicos brasileiros e dos países vizinhos, como problemas diplomáticos, e obstáculos jurídicos e operacionais. As alterações no cotidiano, provocadas pelo fechamento e posteriormente a reabertura da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, foram percebidas pela população fronteiriça de modo individual. Por este motivo, os relatos contribuem para compreender de maneira qualitativa como a pandemia afetou a população residente na fronteira.

**OS RELATOS DOS MORADORES DE FOZ DO IGUAÇU SOBRE A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA E A PANDEMIA DE COVID-19**

Os relatos pessoais são fundamentais para entender o processo de vínculo dos moradores com o solo, onde o território passa a ser vivido e visto como lugar. A partir da perspectiva de Tuan (1983), o lugar é uma representação da estabilidade, onde se encontra a segurança e o reconhecimento do espaço de vivência através da segurança do amparo.

Segundo Relph (1976), o lugar está relacionado às experiências e sensações individuais e coletivas. Para o autor, o "lugar é um centro de experiência", ou seja, é a partir da vivência cotidiana que os indivíduos criam uma relação afetiva com o lugar. Essa relação é fortemente influenciada pelos aspectos culturais, históricos e sociais. Desse modo, o lugar é uma construção simbólica que resulta da interação humana com o meio físico.

Para Merleau-Ponty (1999), a percepção é o fundo sobre o qual todos os outros atos se destacam e o mundo percebido não é um objeto controlado. O autor também relaciona a percepção com a ciência, pois se baseia no mundo vivido. A percepção do espaço exprime sempre a vida total do sujeito e sua energia para o futuro através do corpo e do mundo.

Neste aspecto, para Tuan (1983), através das experiências o indivíduo estabelece seus aprendizados, e deste modo a realidade é construída. É possível conhecer apenas uma realidade que é resultado da experiência, uma construção de sentimentos e pensamentos. A produção do lugar surge da familiaridade, da identidade e dos laços afetivos construídos por aqueles que ali vivem. Destarte, é possível afirmar que o lugar é muito mais do que uma simples área física delimitada por fronteiras geográficas, é uma construção social e cultural, marcada pelas experiências, memórias e valores dos indivíduos que o habitam.

As interpretações individuais sobre o lugar denotam a realidade vivida e sentida pelos transfronteiriços, e os relatos através das entrevistas indicam que os olhares se cruzam e ao mesmo tempo se afastam, dependendo das alterações cotidianas que afetam estes espaços. Ao entender a percepção dos participantes da pesquisa, é possível entender a sua vivência neste ambiente tão peculiar e desafiador que é a fronteira, ou seja, o ponto de encontro com “o outro”, “o estranho” e “o vizinho”, “o irmão”.

Sobre a percepção de proximidade do munícipio analisado com a fronteira do Paraguai, as narrativas demonstram que os participantes vivenciam a fronteira a partir do que já foi mencionado como “condição fronteiriça”, evidenciando as vantagens em viver na fronteira. Também foram registradas histórias de vivências que foram impactadas pela pandemia, principalmente pelo fechamento da fronteira internacional.

Primeiramente, é necessário indicar a percepção dos participantes referentes a forma como visualizam as relações entre os moradores dos dois países, Brasil e Paraguai, e como os mesmos observam a proximidade e a facilidade de travessia. Para a Participante 1 e a Participante 5, na cidade de Foz do Iguaçu a proximidade com o Paraguai é percebida diariamente, sendo observada em momentos de normalidade, através de veículos com placas do Paraguai que circulam pelas ruas, e pela frequência da população paraguaia nos supermercados de Foz do Iguaçu. A Participante 1 também observa que o contrário também ocorre, e a mesma observa que residentes em Foz do Iguaçu trabalham em Ciudad del Este no Paraguai. A experiência transfronteiriça é percebida pelo relato da Participante 1, visto que a mesma já residiu no Paraguai e no Brasil,

*Sim, eu mesma já residi lá. Eu sou filha de imigrantes. Minha mãe é paraguaia. A gente ficou nesse trânsito entre Ciudad del Este e Foz há algum tempo. E a última vez que moramos lá foi antes do ano dois mil e um, que foi quando a gente retornou para cá em definitivo*.

Sobre sua própria história de migrante, a Participante 1 indica que o que motivou sua família a migrar constantemente pelos dois países foi o fato de sua irmã ter nascido surda, então pela razão de que educação especializada e o ensino de libras ser oferecido com mais facilidade no Brasil, a família optou por fixar residência em Foz do Iguaçu, pois, enquanto moravam no em Ciudad del Este, no Paraguai, também estudavam no Brasil. O trajeto para estudar era feito diariamente por ônibus, porém, mesmo com a distância curta, a travessia pela Ponte da Amizade muitas vezes era demorada. “*Quando a gente morava lá a gente fazia esse trajeto diário de ida e vinda e era bem na época que tinha bastante fila na Ponte da Amizade, assim a ponto de sair daqui para voltar para casa meio-dia e meia e chegar três da tarde*”.

A Participante 1 aponta também para o trânsito de estudantes que residem no Paraguai e estudam nas universidades públicas e privadas de Foz do Iguaçu. Ela indica que esse trajeto realizado pelos estudantes é muito comum e frequente, estabelecendo a dinâmica transfronteiriça na busca de serviços especializados como o ensino superior.

Como as relações na fronteira são complexas, contraditórias e ambíguas, principalmente no que se refere ao relacionamento entre transfronteiriços, a questão da convivência entre os fronteiriços é percebida de forma diferente entre os entrevistados; para uns as relações são muito próximas e amigáveis, já para outros são relações de estranhamento e distanciamento cultural.

Neste aspecto, é possível compreender na fala do Participante 4, na sua percepção essa relação mais próxima entre brasileiros e paraguaios não é evidente. Para o mesmo, as relações baseiam-se principalmente em interesses nas vantagens econômicas que cada país apresenta:

*Você não percebe uma certa integração dos brasileiros que moram em Foz do Iguaçu com as pessoas do Paraguai. O Paraguai, ele funciona mais como se fosse uma cidade shopping, as pessoas conhecem lá, mas só para poder fazer as compras, nas questões culturais eu vejo pouca questão de influência e mesmo de integração.*

Quando questionado sobre a sua percepção de existência de fluxos constantes entre os moradores dos dois países, o Participante 4 relata:

*Há muitos paraguaios em Foz. Há muitas pessoas de Foz que trabalham no Paraguai, mas parece que tem essa barreira cultural, onde parece que não há interesse de um lado e do outro de aprender e conviver, tanto que é bem difícil você achar pessoas em Foz do Iguaçu que falam espanhol.*

Já para a Participante 7 o atravessar a fronteira e conviver com a população de outro país traz em si uma necessidade de adaptação, para que as relações de convivência e vínculos se fortaleçam, sendo este um desafio para os povos de fronteira, que são constituídos de formação socioespacial distinta. Para a referida participante:

*Você atravessava a ponte, você mudava de personalidade, parecia. Porque você estava em outro ambiente com pessoas que apesar de entenderem, não falam seu idioma, então é muito complexo, porque a vivência cultural é diferente. É só uma ponte! Você atravessa a ponte, você está ali, é igual atravessar a rua. Mas, as pessoas que estão do outro lado da rua, são e cresceram de forma diferente, foram educadas de forma diferente, então até você começar a se situar.... Então, eu acho mesmo que a gente devia ter um manual de boas práticas quando chega aqui, para aprender a conversar com o pessoal dos outros países. Porque na convivência você fala coisas e você acaba às vezes magoando, deixando as pessoas irritadas, e a gente não entende o que realmente aconteceu.*

No que diz respeito a aspectos históricos relacionados aos dois países, a Participante 7 indica que no pouco tempo em que trabalhou em Ciudad del Este compreendeu que existem questões mal resolvidas sobre a Guerra do Paraguai, que é despercebida pelos brasileiros, mas que tem muita importância para a memória da população paraguaia.

*Eu vejo que tem muita mancha ainda, um ressentimento muito grande e presente com relação à guerra do Paraguai porque, não sei, talvez seja uma percepção boba da minha cabeça, mas você conversa com as pessoas e elas se sentem inferiores que você, e quando você fala alguma coisa diferente, elas acham que você está julgando a cultura ou alguma coisa nesse sentido. Então são tradições e vivências muito diferentes. E eu tive muita dificuldade assim, de fazer um círculo de amizades. Está bem que foram só 20 dias, mas foi difícil estabelecer um nível de confiança dentro do ambiente onde eu trabalhava, porque eu não entendia o modo de ser, o modo de funcionar das pessoas que eu estava convivendo* [...]*.*

As relações de aproximação ou distanciamento entre os povos da fronteira dependem da vivência que cada morador possui com os moradores do país vizinho, seja pelas condições e vantagens disponibilizados por cada espaço, ou mesmo pelas relações sociais que vão sendo construídas historicamente e geograficamente. Através do relato da Participante 3 é possível analisar sobre a questão de perceber a fronteira:

[...] *eu percebo uma interação, um fluxo, na verdade até uma certa desconsideração em termos de linha de fronteira, entendendo a linha de fronteira enquanto uma separação geográfica, então é como se fosse que existe a compreensão, o entendimento e ele está posto, de que a gente está em um outro espaço, com suas características. Mas que esse espaço ele meio que complementa, ele meio que faz parte desse espaço geográfico de Foz do Iguaçu, principalmente em relação ao Paraguai, eu acho que a Argentina menos, até pelas barreiras alfandegarias que a gente tem. Mas do Paraguai, é como se o morador de Foz do Iguaçu já compreende o Paraguai enquanto uma territorialidade de Foz do Iguaçu.*

O município de Foz do Iguaçu é classificado como cidade-gêmea, sob a definição do conceito que foi criado pelo Ministério da Integração Nacional, de acordo com a Portaria n° 125 de 21 de março de 2014 (BRASIL, 2014):

Art. 1º Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

Art. 2º Não serão consideradas cidades-gêmeas aquelas que apresentem, individualmente, população inferior a 2.000 (dois mil) habitantes.

A partir dos relatos, é possível perceber que, para os moradores de uma cidade-gêmea fronteiriça como Foz do Iguaçu, existem muitas limitações impostas para as áreas de fronteira através de acordos jurídicos, políticos e diplomáticos, são vistas como empecilhos para as relações cotidianas que os mesmos têm ao cruzar os limites dos países. Neste sentido, a fronteira se apresenta como ponto de ligação e não de separação

Sobre a questão dos fluxos de pessoas existentes, o Participante 6 observou que os serviços mais procurados por residentes no Paraguai, do lado brasileiro, são os serviços médicos. Para ele, na sua percepção, a travessia ao Paraguai é feita mais por turistas do que por moradores de Foz do Iguaçu. O Participante 6 indica que a proximidade com o Paraguai traz mais “benefícios do que problemas” principalmente nas oportunidades de trabalho. Ele relata que “[...] *é o Paraguai fechar que para tudo aqui*”. É notada uma relação de interdependência econômica entre Foz do Iguaçu e o centro comercial de Ciudad del Este, visualizado pelo comportamento de consumo cotidiano dos moradores, que usufruem das possibilidades oferecidas por ambos os países.

Sobre a percepção de impacto causado pela ponte fechada, o participante 6 observou que maiores impactos foram sentidos na questão do turismo e do comércio, principalmente em lojas atacadistas do ramo de alimentos de Foz do Iguaçu, visto que, como do lado paraguaio os alimentos têm um custo mais elevado, se comparado ao lado brasileiro, a compra de produtos alimentícios pelos residentes no Paraguai é realizada no Brasil e, com o fechamento da ponte, este fato impactou na vida dos residentes do Paraguai.

Cabe ressaltar que todos os participantes indicaram que moradores do Paraguai frequentam diariamente os supermercados e lojas atacadistas de alimentos em Foz do Iguaçu. Isto demonstra a mobilidade cotidiana e a existência das relações da “condição fronteiriça”, sendo observada pelos moradores como algo positivo. Vale indicar que essa migração constante foi amplamente afetada durante o fechamento da fronteira, sendo observado como algo que prejudicou economicamente os residentes de ambos os países.

Para o Participante 2, a aproximação e o distanciamento entre brasileiros e paraguaios é algo que está sempre mudando, “[...] *depende do momento, uma vai se mostrar mais presente, ou outra não*”. O exemplo disso foi referente ao fechamento da fronteira, em específico, para os entrevistados, o fechamento da Ponte da Amizade. Assim, este período provocou o debate em torno de dois discursos, um deles que indica a ligação fronteiriça como um aspecto negativo, e o outro com o discurso de interdependência, que estabelece a fronteira com um espaço de oportunidades. Nesta relação o Participante 2 indica que:

*Quando houve o fechamento da ponte, a gente viu alguns casos de discursos também sobre que deve fechar mesmo, porque eles vêm aqui utilizar o sistema de saúde, ou que vai contaminar. E eles também, que os brasileiros não cuidam. Então aí, a gente viu como este discurso da diferença se inflamou. Alguns gostaram deste fechamento da ponte, outros já não gostaram. Lógico que daí tem as particularidades de cada um, muitas vezes, ligada a questão socioeconômica de sobrevivência, aí o discurso vai se amparar nisso. Mas assim, de uma forma ou de outra eu vejo que isso se inflamou com a pandemia, em certos momentos isso acontece mesmo de mais digamos assim, normalidade entre aspas e momentos de mais tensão de ruptura de aproximação.*

De acordo com as vivências e observações do Participante 2, referente aos impactos do fechamento da Ponte da Amizade, ele indica que as atividades comerciais se mantiveram dizendo que “[...] *a ponte fechou, mas a fronteira não*”, assim:

*À noite, eu sei que a fronteira nunca esteve fechada, assim, esses portos clandestinos continuaram a todo vapor. Tipo, mercadorias, quem trabalha* *(libanês), assim estou falando de várias pessoas que tem loja lá no Paraguai, assim, acabaram continuando trabalhando de forma online e recebendo mercadoria. Eu sei disso, porque eu tinha uma pessoa, agora a pessoa mudou, mas eu tinha um vizinho que era libanês, e ele trabalhava com essa questão de vender antena que faz a fusão do sinal pirata. E eu conversava com ele de vez em quando, e ele continuou trabalhando normalmente, só que ele continuou trabalhando de forma remota e a mercadoria dele vinha. Quer dizer, vinha dessa forma, tipo como vem o cigarro, vem outras coisas à noite, nesses portos clandestinos que a gente tem como o Jupira nas margens do rio.*

Sobre a questão do trabalho informal, referindo-se ao comércio de mercadorias ilegais, o Participante 2 indica que, na sua percepção, os fluxos de pessoas e objetos não foi modificado durante o fechamento da fronteira ocasionado pela pandemia, entendendo que foram utilizadas estratégias para contornar o fechamento da ponte:

*Minha percepção é que, a fronteira em si, ela não fechou. Fechou para alguns. Mas para alguns “tipos de trabalho”, aqui entre aspas, de modos de sobrevivência, das pessoas que trabalham com essas mercadorias, talvez só mudou a rotina. Trabalhavam de dia, e passaram a atuar mais a noite. Mas, essas mercadorias continuaram.*

O Participante 3 relata que quando a ponte fechou, para alguns de seus conhecidos que residem em Foz do Iguaçu, o impacto foi grande, visto que até então do outro lado da ponte, tanto do Paraguai como da Argentina, a ida para estas regiões era comum e frequente.

*Eles manifestavam muita vontade de ir ao Paraguai, que é uma coisa que você faz comumente, que é como se fosse um bairro de Foz e de Argentina. Então esse ir e vir, esse fluxo, é como se o território, e a territorialidade ela é estendida, e o território que ele fizesse parte, o espaço fizesse parte do território de Foz do Iguaçu.*

O relato da Participante 7 reflete as dificuldades que o fechamento da ponte ocasionou para os trabalhadores que atravessavam a fronteira diariamente. A mesma, vinda de outro estado, chegou até Foz do Iguaçu para trabalhar em um *shopping* em Ciudad del Este, no mês de fevereiro de 2020. Sua motivação para trabalhar no Paraguai foi principalmente devido às melhores condições salariais, visto que o salário-mínimo estabelecido no Paraguai é maior que o brasileiro; o fato de os trabalhadores receberem os valores com base no dólar também motivou a travessia diária para o trabalho em Ciudad del Este. A participante relatou que optou por fixar residência em Foz do Iguaçu por considerar a facilidade da travessia e pelas questões culturais e burocráticas. Quando a ponte fechou o impacto ocasionado afetou diretamente o seu trabalho e sua renda, conforme o relato:

*A pandemia me pegou de surpresa, eu estava desempregada em São Paulo já fazia um bom tempo. E aí eu sou voluntária de uma instituição aqui de Foz do Iguaçu e eu pedi para o pessoal ficar atento se achasse alguma coisa. E uma pessoa me indicou para uma vaga no Paraguai, aí eu vim, eu trabalhei uns 20 dias mais ou menos, e aí fechou a fronteira [...].*

A Participante 7 indicou que dois dias antes do fechamento da fronteira, a dona da loja onde a mesma estava trabalhando, em um *shopping* no Paraguai, pediu para que ela e mais outros funcionários que residiam no Brasil não viessem trabalhar nos próximos dias, alegando que estava ocorrendo alguma situação estranha, e para manter a segurança dos funcionários eles deveriam permanecer no Brasil, até que se compreendesse o que estava acontecendo. O que de fato culminou no fechamento da fronteira internacional do Paraguai, devido a pandemia de COVID-19.

Após o decreto do fechamento das fronteiras do Paraguai, a Participante 7 relatou que seu vínculo trabalhista foi mantido por alguns meses, o trabalho se dava de modo remoto e o pagamento era realizado via uma importadora, porque a mesma ainda não tinha a carteira de trabalho internacional. Com a demora para a abertura da ponte e a quebra econômica enfrentada pela região, que provocou instabilidades, a participante foi demitida.

Este relato pessoal é um exemplo sobre como a fronteira antes fluida e porosa se transforma em uma barreira, e assim a materialidade da fronteira se apresenta como um empecilho para as relações cotidianas que anteriormente aconteciam.

No conjunto das percepções dos sete participantes é possível entender que o fechamento da fronteira indicou duas situações: uma, que apresentou os vínculos cotidianos que os fronteiriços têm ao atravessar a ponte e realizar sua migração entre o Brasil e o Paraguai; outra, indicando que, mesmo com a ponte fechada, foram criadas estratégias para a travessia de pessoas e mercadorias via Rio Paraná. Neste sentido, os fluxos transfronteiriços se apresentaram mesmo com a ponte fechada, e de forma clandestina. Além disso, é possível observar que há uma relação de condição fronteiriça muito presente, visto no âmbito das relações de trabalho e das ofertas de serviços e no comércio, principalmente o de alimentos.

Neste contexto, se observou que a pandemia teve impactos diversos na vida dos fronteiriços, principalmente devido ao fechamento das fronteiras internacionais, que interrompeu o fluxo cotidiano de mercadorias e pessoas, ocasionando estratégias diversas para que algumas destas atividades pudessem se manter.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A fronteira, a partir das condições ofertadas de um e/ou do outro lado, se apresenta para os moradores como um aspecto positivo, visto como espaço de oportunidades e vantagens. Há também o aspecto da proximidade que orienta e molda as relações históricas e culturais, proporcionando o compartilhamento de serviços e costumes. O fechamento das fronteiras internacionais durante a pandemia de COVID-19, como uma das medidas para conter o avanço da doença, demonstrou como a mobilidade entre os países é um fator relevante para o desenvolvimento dos espaços fronteiriços.

A percepção dos moradores de Foz do Iguaçu que participaram da pesquisa indicou que existem relações de convivência cotidiana entre os fronteiriços, ainda assim a vivência é complexa no sentido de que, mesmo com a aproximação geográfica, ocorrem choques culturais que se diluem, mas que podem ser percebidos pelas experiências individuais.

O período da pandemia e o fechamento da fronteira ocasionaram impactos em vários aspectos, alterando as relações cotidianas de mobilidade, tão comuns e banais, para quem vive nesses espaços. Ademais, foram relatados os impactos econômicos que promoveram desemprego, aumento das atividades ilegais e criação de estratégias de comunicação que, do ponto de vista epidemiológico, foram prejudiciais para o controle da pandemia de COVID-19. Neste sentido, os espaços fronteiriços apresentam características complexas, e isto deve ser considerado no planejamento e na necessidade de integração entre as ações que são realizadas pelos órgãos oficiais, buscando considerar as vivências e interações que estão presentes e que moldam a vida dos transfronteiriços.

**REFERÊNCIAS**

AGULLÓ, Juan. A the tri-border area of Parana and COVID-19: a tale of two bridges in the south american hinterland. **Borders in Globalization Review**, [*S. L.*]*,* v. 2, n. 1, p. 21-24, dez. 2020.

ANCEL, Jacques. Geopolítica de fronteras. *In*: CASTAGNIN, Daniel (comp.). **Poder global y Geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1984. p. 85-178.

BRASIL. Casa Civil. Portaria nº 120 de 17 de março de 2020. **Diário oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, p. 1, 18 mar. 2020a. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-120-de-17-de-marco-de-2020-248564454. Acesso em 06/08/2020. Acesso em: 6 ago. 2020.

BRASIL. Casa Civil. Portaria nº 125 de 19 de março de 2020. **Diário oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, p. 1, 19 mar. 2020b. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-125-de-19-de-marco-de-2020-248881224. Acesso em: 6 ago. 2020.

BRASIL. Casa Civil. Portaria nº 132 de 22 de março de 2020. **Diário oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, p. 1, 22 mar. 2020c. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-132-de-22-de-marco-de-2020-249098650/. Acesso em: 6 ago. 2020.

BRASIL. Casa Civil. Portaria nº 125 de 21 de março de 2014. **Diário oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, p. 45, 24 de março de 2014. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014. Acesso em: 28 mar. 2023.

CATAIA, Marcio. **Território nacional e fronteiras internas**: a fragmentação do território brasileiro. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: https://www.ige.unicamp.br/spec/wp-content/uploads/sites/22/2014/08/tese-Marcio-Cataia.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

CORONAVÍRUS: Paraguai bloqueia corredor de pedestres na Ponte da Amizade com barreira de ferro na fronteira com o Brasil. **Portal G1**. São Paulo, 09 de abr. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/04/09/coronavirus-paraguai-bloqueia-corredor-de-pedestres-na-ponte-da-amizade-com-barreira-de-ferro-na-fronteira-com-o-brasil.ghtml. Acesso em: 09 abr. 2020.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. *In*: NASCIMENTO, Durbens Martins; PORTO, Jadson Luiz Rebelo (org.). **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa e segurança da Amazônia**.Belém: NAEA, 2013. v. 1, p. 96-124.

DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. **Estudios Historicos**, Montevidéu, n. 1, p. 1-10, may 2009.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GOTTMANN, Jean. **La politique des états et leur Géographie**. Paris: Armand Colin, 1952.

MACHADO, Lia Osorio. Limites, fronteiras, redes. *In*: STROHAECKER, Tania Marques *et al*. (org.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998. p. 41-49.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PARAGUAI implanta medidas preventivas contra coronavírus na Ponte da Amizade. **Portal da cidade**, Foz do Iguaçu, 14 mar. 2020a. Disponível em: https://foz.portaldacidade.com/noticias/regiao/paraguai-implanta-medidas-preventivas-contra-o-coronavirus-na-ponte-da-amizade-5327. Acesso em: 20 mar. 2020.

PARAGUAY. Ministerio del Interior. Decreto N° 3.458 de 16 de marzo de 2020. **Gaceta Oficial**, Asunción, 17 de marzo de 2020b, p.14-19. Disponível em: <https://www.csj.gov.py/cache/lederes/G-54-17032020-D-3458.pdf> Acesso em: 6 mar. 2020.

PARAGUAY. Ministerio del Interior. Decreto N° 3.465 de 17 de marzo de 2020. **Gaceta Oficial**, Asunción, 17 de marzo de 2020c, p.1. Disponível em: <https://www.mspbs.gov.py/dependencias/portal/adjunto/cfe91a-DECRETON3465.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2020.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. *In*: OLIVEIRA, Tito C. M. de (org.). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 9-15.

RATZEL, Friedrich. **Géographie politique**. Paris: Diffusion economica, 1988.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

SANTANA, Paula. **Saúde, território e sociedade**: contributos para uma geografia da saúde. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

SILVA, Regina Coeli Machado e; DORFMAN, Adriana. Border control (Brazil, Paraguay, Argentina) and local inventiveness in times of COVID-19. **Borders in Globalization Review**, [*S. l*.], v. 2, n. 1, p. 94-99, dez. 2020.

SILVA-SOBRINHO, Reinaldo Antônio *et al*. Coping with COVID-19 in an international border region: health and economy. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 29, p. 1-11, jan. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlae/a/H4fqkQHNBCkrVqdDxtxyvWj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 maio 2021.

STEIMAN, Rebeca. **A geografia das cidades de fronteira**: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia). 2002. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2011/06/2002-geografia-das-cidades-de-fronteira-RST.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Fragmentos de inconformidade**: sociedade, territórios, espaços. Cascavel: Edunioeste, 2009.

VARGAS, Fábio Aristimunho. **Formação das fronteiras latino-americanas**. Brasília: Funag, 2017.

**ENTREVISTAS REALIZADAS:**

PARTICIPANTE 01. Entrevista remota concedida em 03/09/2021.

PARTICIPANTE 02. Entrevista remota concedida em 24/08/2021.

PARTICIPANTE 03. Entrevista remota concedida em 25/08/2021.

PARTICIPANTE 04. Entrevista presencial concedida em Foz do Iguaçu em 15/12/2021.

PARTICIPANTE 05. Entrevista presencial concedida em Foz do Iguaçu em 15/12/2021.

PARTICIPANTE 06. Entrevista presencial concedida em Foz do Iguaçu em 15/12/2021.

PARTICIPANTE 07. Entrevista remota concedida em 17/08/2021.

**Recebido:** fevereiro de 2023.

**Aceito**: abril de 2023.

1. Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente colaboradora do curso de Graduação em Geografia na UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Campus Marechal Cândido Rondon. E-mail: suelenterre@yahoo.com.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorado em Organização do Espaço Urbano e Rural pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP Rio Claro). Professor associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: serraelpidio@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. In Ciudad del Este, for example, the borderscape changed suddenly: its vital tourist Microcentro (commercial area) became a ghost zone for months while the Parana River, in the midst of a severe drought, revealed in May rusty goods in its riverbed, dumped by smugglers over the years. During the lock-down period, the region became almost apocalyptic. In July 2020, some 30,000 jobs were lost or disrupted in the area, many with a direct and tragic link to the border closure: some 8,000 residents in Foz do Iguaçú were not able to return to work in Paraguay (AGULLÓ, 2020, p. 23). [↑](#footnote-ref-3)